

Artes plasticas

Neoconcretos: nada além de Max Bill

Deve-se conceder à pretensão de vanguarda desta Exposição Neoconcreta o título que seria a única justificativa, qual seja o de pesquisa, embora os resultados atingidos não cheguem a informar uma suficiente razão para a exposição.

Partindo-se daí, teríamos, neste esforço dos moços do Rio, que o MAM tão generosamente acolheu, apenas a necessidade de identificação, fácil, com tudo o que já foi mostrado e consta do repertório dum dos mestres da pesquisa abstrato-geométrica, como é Max Bill. Não nos referimos, é obvio, a essas atividades lucidas dos poetas que escondem palavras ou inventam jeito de formá-las, porque suas manifestações escapam ao âmbito da secção. Caberiam na crítica da poesia, nesse novo e indiscutível jogo de palavras, em que a pobreza das invenções chega a reduzir-se ao jogo de uma só palavra.

No mais, todos os neoconcretos da exposição do MAM repetem ou desenvolvem indicações do mestre, que já expôs em S. Paulo, no Museu de Arte, quando não havia ainda aparecido o concretismo por aqui e por isso o neoconcretismo também não.

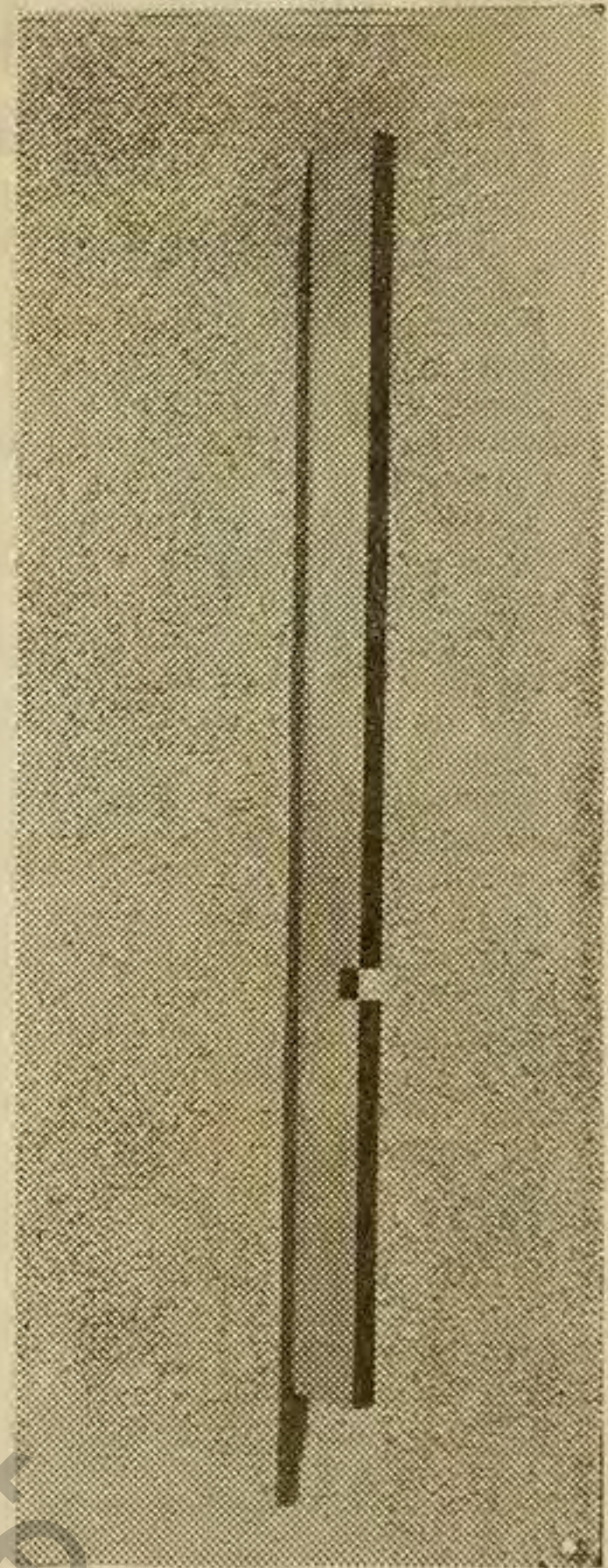
Partindo da pesquisa abstrato-geométrica, Max Bill chega logo ao amago da solução do desenho racionalizado, ao objeto industrial — o coroamento da busca das formas em Max Bill é a escova, a "lampada de raios ultravioletas" (criada em 1951), a cadeira e a mesa, o móvel.

Nenhum dos neoconcretos, os plasticos, escapa ao repertório da pesquisa de Max Bill. Toda a sua como que variada, personalizada em exemplos, diversificada produção exposta, individualmente, foi tratada na invenção onímoda de Max Bill, que se torna assim o pai de todas estas crianças. Escapa, talvez, um dos neoconcretos: o Aluisio Carvão dos "cromáticos", cujas telas se re-

duzem a emprego de uma tonalidade, em divisões matizadas, e que, se constituem pesquisas, nada oferecem, nada transmitem, nem modelam. Negativamente, é a pintura prismática ampliada, e o seu desinteresse está acima das linhas com que possamos fazer referencias a esses exercícios. Carvão precisa voltar ao trabalho da forma, seja qual seja; a apologia sectária que o serve está causando apenas perda de tempo à sua afirmação como artista plástico.

Se Carvão escapa, nenhum outro foge da craveira de Max Bill. A invenção lucida máxima que chegou, nos neoconcretos presentes, ao projeto "Cães de caça", de Hélio Oiticica, somente nesse caso do jardim-labirinto não encontra maiores indicações na obra de Bill, embora possamos admitir as condições de desdobramento dessa idéia constante do projeto para o "Monumento ao prisioneiro político desconhecido" (menção honrosa em concurso, Londres, 1952). Quanto aos não objetos pendurados, a inspiração é mais anterior na obra de Bill. Em 1935, ele já apresentava "Construção com um cubo suspenso". O resto, a brasileira imaginação o realiza. A "Construção com e em cubo", de Max Bill, 1944-45, dá margem a todas as invenções de Ligia Clark. E a "Pintura em forma de coluna n. 1" (1947), de Bill, informa a pesquisa de Willys Castro em todos os seus chamados "Objetos ativos".

Embora ainda dentro da temática e da pesquisa de Bill, Amilcar de Castro, com cinco esculturas em ferro, salva-se pelo tom definitivo emprestado à colocação das placas, ao seu desdobramento. Trata-se, porém, duma escultura pobre de sugestões, em que a epiderme do material se reduz ao que é, nada custando de esforço ao escultor. Em Bill, a "Superfície retangular no espaço, com limitações de igual lon-



"Objeto ativo", tela de Willys de Castro

gitude", coloca a superfície em uma ressonância limpa e a dor da dobra clama numa rotura que a tensão explica.

O pintor Barsotti ainda está nas pégadas de Max Bill. Seus jogos, que recompõem o "trompe l'œil", decorrem da pesquisa de Bill em 1942-43, embora no artista suíço com mais variedade e mais sugestibilidade, portanto.

Fora estas filiações há os poetas, aos quais tudo é permitido.

OS ANUNCIOS DA SECÇÃO
CLASSIFICADOS DO

"O ESTADO DE S. PAULO"

SÃO EFICIENTES

FONES: 32-2002 — 36-6273